

GRUPOS DE FOCO *ON-LINE* ASSÍNCRONOS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE SUA APLICAÇÃO

ASYNCHRONOUS ONLINE FOCUS GROUPS: A BRIEF REFLECTION ON ITS APPLICATION

Aline Mariane de Faria

Universidade de São Paulo – USP

alinefaria@usp.br

Moacir de Miranda Oliveira Junior

Universidade de São Paulo – USP

e-mails: ; mirandaoliveira@usp.br

Submissão: 27/12/2018

Aprovação: 18/12/2019

RESUMO

A proeminência crescente da Internet no cotidiano das pessoas gerou inovações em várias áreas do conhecimento. Não poderia ser diferente com a Metodologia da Pesquisa Qualitativa, que teve alguns de seus métodos tradicionais adaptados para a aplicação *on-line*. Entretanto, o contexto *on-line* traz consigo oportunidades e desafios que dão características totalmente novas aos métodos. Tendo isso em vista, este ensaio tem o objetivo de discutir um método emergente de pesquisa: grupos focais *on-line*, especialmente aqueles conhecidos como ‘assíncronos’. Para tanto, são tratadas as principais peculiaridades metodológicas envolvidas no uso do método, bem como suas limitações e vantagens em comparação ao método tradicional presencial.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Grupo de Foco *On-line* Assíncrono; Desafios Metodológicos.

ABSTRACT

The increasing prominence of the Internet in people's daily lives has spawned innovations in various areas of knowledge. It could not be different with the Qualitative Research Methodology, which had some of its traditional methods adapted to the online application. However, the online context brings opportunities and challenges that give new characteristics to the methods. With this in view, this essay aims to discuss an emerging method of research: online focus groups, especially those known as 'asynchronous'. The main methodological peculiarities involved in the use of the method, as well as its limitations and advantages will be treated in comparison to the traditional face-to-face method.

Keywords: Qualitative Research; Asynchronous Online Focus Groups; Methodological Challenges.

Introdução

A proeminência crescente da Internet na nossa vida cotidiana gerou inovações em várias áreas do conhecimento. Não poderia ser diferente com a Metodologia da Pesquisa Qualitativa, que teve alguns de seus métodos tradicionais adaptados para a aplicação *on-line*, como por exemplo: a etnografia, a observação, o grupo de foco e a entrevista. Entretanto, o contexto *on-line* traz consigo oportunidades e desafios que dão características totalmente novas aos métodos (BOYDELL *et al.*, 2014). Neste ensaio, que tem o objetivo de discutir um método emergente de pesquisa, vou tratar das principais peculiaridades metodológicas envolvidas no uso de grupos focais *on-line*, especialmente aqueles conhecidos como assíncronos.

Os métodos *on-line* ganharam popularidade através de pesquisas de mercado na década de 1990 (WILLIAMS *et al.*, 2012), devido principalmente às facilidades e menor custo. Contudo, uma breve pesquisa que fiz em bancos de artigos científicos evidenciou que a maior parte dos estudos que abordam o grupo de foco *on-line* são das áreas de saúde e psicologia. É claro que essa breve pesquisa (que foi feita sem grande rigor nas bases *Web of Science* e *Scopus*) não é suficiente para argumentar que o método do grupo de foco *on-line* assíncrono é emergente, mas já serve para inspirar uma reflexão para este ensaio. Além disso, um estudo recente de Bouchard (2016) indicou que existe uma escassez de pesquisas que reflitam sobre o uso de métodos *on-line*. Além disso, eles têm sido recebidos tanto por defensores entusiasmados, como por comentadores críticos (BOYDELL *et al.*, 2014), algo que evidencia ainda mais a importância do desenvolvimento de mais reflexões. Ademais, em conversas informais com colegas de pesquisa em programas de mestrado e doutorado, nenhum demonstrou conhecimento da técnica.

Especificamente, analisei artigos publicados em periódicos internacionais na área de métodos qualitativos, como: *International Journal of Qualitative Methods*, *The Qualitative Report*, *Qualitative Research e Medical Research Methodology*. No ensaio abordarei uma visão geral sobre o método do grupo de foco *on-line* e algumas das principais características que podem o distinguir do grupo de foco tradicional. Além disso, durante a exposição e apresentação da técnica farei algumas ponderações com minhas opiniões e reflexões sobre o assunto.

Visão geral sobre o método do Grupo de Foco *On-line*

Tradicionalmente, o grupo de foco é um método qualitativo de coleta de dados no âmbito das ciências sociais e envolve o pesquisador facilitar uma discussão presencial em grupo em torno de um determinado tema (BOYDELL *et al.*, 2014). Por sua vez, o grupo de foco pela internet é aquele que utiliza um ambiente *on-line*, onde os participantes possuem acesso para interagir sobre um determinado tema, não havendo a interação presencial (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

Existe algum debate sobre se fóruns de mensagens *on-line* incorporam ou não nossos entendimentos tradicionais sobre grupo de foco (BOUCHARD, 2016). Os defensores do método *on-line* têm enfatizado que a natureza interativa e focada da discussão é preservada em um ambiente *on-line*, e por isso é preciso descrevê-lo como grupo de foco (STEWART; WILLIAMS, 2005). Já os críticos acreditam que os grupos de discussão presenciais representam aquilo que seria o "ideal", e que grupos de discussão *on-line* devem tentar replicá-los (BOYDELL *et al.*, 2014), sugerindo que o grupo de foco *on-line* deve ser entendido apenas como uma ferramenta complementar. Entretanto, após estudar algumas pesquisas recentes que aplicaram a técnica *on-line*, acredita-se que o grupo de foco *on-line* não deveria ser entendido como uma "variação" ou uma "replicação" do grupo de foco

tradicional, mas sim um método distinto que deve ser tratado de maneira individualizada. Isso por que o ambiente *on-line* possui diferentes limitações, vantagens, características e formas de aplicação, conforme mostrarei neste ensaio.

Os grupos de foco *on-line* englobam dois contextos temporais distintos: síncronos e assíncronos (BOUCHARD, 2016; BOYDELL *et al.*, 2014; WILLIAMS, 2012). Debates síncronos dizem respeito à discussão *on-line* em tempo real que muitas vezes tomam a forma de fóruns estilo *chat-room* no qual os participantes estão presentes ao mesmo tempo e o destacamento de texto é instantâneo (BOUCHARD, 2016; BOYDELL *et al.*, 2014; WILLIAMS, 2012). Por outro lado, os grupos focais assíncronos, que são o objeto deste ensaio, permitem que os participantes contribuam na discussão nos horários e dias que tiverem disponibilidade durante um período escolhido, sendo tipicamente de alguns dias ou semanas. Os grupos assíncronos podem assumir a forma de “quadros de mensagens” ou de fóruns na web, cujo acesso pode ser limitado apenas àqueles convidados pelo pesquisador (BOYDELL *et al.*, 2014).

Nos tópicos a seguir, são apresentadas sobre algumas características do grupo de foco *on-line*, enfatizando os assíncronos.

Facilidades promovidas pela aplicação *on-line*

As vantagens mais evidentes do método *on-line* são aquelas relacionadas com as facilidades de aplicação. A coleta é relativamente mais barata (sem necessidade de infraestrutura física), rápida e os dados ficam disponíveis imediatamente, não havendo necessidade de transcrição (STEWART; WILLIAMS, 2005). Aqueles que já “sofreram” com o trabalho operacional da transcrição de entrevistas e discussões de grupos de foco podem imaginar o quanto uma transcrição imediata e automática pode facilitar nossas vidas, diminuindo o trabalho de pesquisa e aumentando a precisão das transcrições.

Além disso, grupos de discussão *on-line* permitem que indivíduos geograficamente dispersos possam contribuir nas discussões (ORINGDERFF, 2004; BOYDELL *et al.*, 2014; WILLIAMS, 2012), viabilizando pesquisas que necessitam da interação de pessoas de diferentes localidades, como por exemplo uma pesquisa que pretenda explorar como a cultura nacional pode influenciar a estratégia mercadológica de suas empresas.

Outra facilidade que pode ser apontada para a pesquisa assíncrona é a adequação da disponibilidade do participante. Isso pode ser particularmente útil quando existe a impossibilidade de planejar um horário e local únicos para a discussão face-a-face, como pode ser o caso de públicos empresariais com “agendas lotadas”; ou mesmo pessoas que estejam impossibilitadas de se deslocarem por qualquer motivo (WILLIAMS, 2012).

Por outro lado, algo que pode dificultar a participação de uma pessoa na discussão é a necessidade do acesso à Internet. Embora, o aumento do acesso à Internet em escolas e bibliotecas tenha sido expressivo nos últimos anos, é importante considerar que o acesso global à Internet é altamente variável (WILLIAMS, 2012). Na minha percepção, esta questão pode dificultar a participação de pessoas de baixa renda, por exemplo, ou com pouca instrução acadêmica, algo que abordarei melhor mais à frente.

O anonimato e a falta da presença física

Em contraste com a pesquisa tradicional, a pesquisa *on-line* tem o potencial para que os participantes compartilhem suas experiências em um espaço anônimo, sem a divulgação de sua própria imagem e/ou com o uso de nomes falsos na interação com outros participantes. Este anonimato percebido demonstrou implicações importantes para o processo da coleta de dados (BOUCHARD, 2016).

Primeiramente, o anonimato da internet pode criar um ambiente mais permissivo e desinibido para que os participantes da pesquisa revelem suas experiências reais, podendo facilitar a expressão do “verdadeiro eu”, algo que talvez sejam incapazes de fazer em ambientes presenciais devido às expectativas dos outros e os riscos sociais envolvidos (WILLIAMS, 2012). Percebe-se diferentes situações em que o anonimato pode ser especialmente vantajoso:

1. o tema da discussão é de uma natureza sensível ou estigmatizada (MANN; STEWART, 2000);
2. o tema instiga o desejo de aceitação social (BOUCHARD, 2016);
3. existem inibições de poder com base em percepções de outros membros do grupo, como a aparência física e o status social dos participantes (STEWART; WILLIAMS, 2005).

Como exemplo do item “1”, pode-se citar um estudo sobre “riscos para a saúde dos jovens”, que recrutou homens adolescentes para discutir sobre sexo e o uso de álcool. Inicialmente um grupo de foco tradicional (face-a-face) foi realizado. Contudo, esta discussão consistiu de respostas silenciosas, murmúrios, risos e respostas curtas sem a admissão do uso de álcool ou sexo. Em contraste, um quadro muito diferente emergiu em uma segunda fase do estudo que utilizou discussões *on-line*. Os jovens divulgaram experiências de “bebedeiras” e relações sexuais casuais (MANN; STEWART; 2000). Ou seja, o ambiente *on-line* anônimo e a falta da presença física desinibiram os jovens e os encorajaram a expressarem sobre suas experiências que tinham uma natureza mais estigmatizada.

No item “2”, temos como exemplo a utilização do método *on-line* assíncrono para entender como o *bullying* se manifesta dentro de relações de amizade entre adolescentes. Uma limitação para pesquisar as opiniões subjetivas de experiências de *bullying* em círculos de amizade é justamente a negação de sentimentos negativos, especialmente por causa da necessidade de aceitação social. A pesquisa, inclusive, salienta que os métodos de pesquisa em um formato *on-line* anônimo têm o potencial para iluminar uma real compreensão sobre o assunto *bullying* (BOUCHARD, 2016). Ou seja, o ambiente *on-line* anônimo e a falta da presença física pode minimizar o desejo de aceitação social dos indivíduos.

Já um exemplo muito interessante do item “3” diz respeito a um estudo sobre anorexia nervosa, no qual seus participantes expressaram suas opiniões sobre o compartilhamento de suas experiências em um formato anônimo pela internet (WILLIAMS, 2009, apud WILLIAMS, 2012), como por exemplo a seguinte opinião:

It was so much easier to be honest about things without worrying about what the “skinny” person across the room was thinking about me or what I had to say (...) you are much more likely to get an honest answer out of me if I feel safely hidden (even baggy jeans and sweatshirts aren’t enough to hide me if I’m face-to-face with someone) (WILLIAMS, 2009, p. 286, apud WILLIAMS, 2012).

Isto sugere que a falta de presença física e o anonimato físico podem ser particularmente desejados pelas populações com preocupações relacionadas com a aparência e que as abordagens *on-line* podem ser úteis para a investigação neste campo (WILLIAMS, 2012).

Entretanto, a pesquisa *on-line* não garante necessariamente o anonimato entre os participantes, que podem querer se auto revelar durante as discussões ou mesmo dar pistas objetivas de sua identidade. Para maximizar o anonimato, os participantes devem ser encorajados a selecionar um nome totalmente diferente dos nomes de usuário que utilizam em outras interações *on-line* (WILLIAMS, 2012).

Autenticidade do participante

Embora o anonimato traga vantagens consideráveis, traz também limitações que precisam ser apontadas. A principal delas é a questão da autenticidade do participante, uma vez que a falta de “fiscalidade” também pode dificultar a verificação da identidade dos participantes (WILLIAMS, 2012).

Algumas estratégias que têm sido sugeridas para minimizar a questão da falsificação do participante. Em primeiro lugar, sugere-se que os pesquisadores realizem um “teste de equivalência”, no qual procuram por respostas consistentes em tópicos semelhantes colocados em diferentes partes da discussão (Hamilton; Bowers, 2006). Em segundo lugar, os pesquisadores podem exigir métodos de rastreamento adicionais, tais como cópias de formulários de consentimento ou telefonando aos participantes para obter um consentimento verbal. (BOUCHARD, 2016).

Muito embora esta questão seja mais pronunciada no ambiente *on-line*, percebe-se que ela também pode ser relevante em pesquisas face-a-face qualitativas ou quantitativas (questionários, formulários). É claro que é importante ser vigilante a respeito da autenticidade do participante, contudo há que se concordar com Bouchard (2016) quando a autora afirma que a validade das respostas do participante depende, em última análise, da sua integridade e honestidade, e imagino que isso pode se aplicar à qualquer método de pesquisa, independente se é *on-line* ou não.

Segurança dos participantes

A segurança dos participantes é mais um tópico que deve ser cuidadosamente considerado, especialmente quando a pesquisa abordar temas sensíveis.

Em primeiro lugar, o anonimato do ambiente *on-line* também pode aumentar a probabilidade de expressão de opiniões negativas e/ou comunicações com “menos discrição e tato” (ORINGDERFF, 2004). Assim, da mesma forma como acontece com grupos focais tradicionais, é importante estabelecer cuidados básicos com a interação dos participantes (ORINGDERFF, 2004) e estabelecer um protocolo de gestão para situações desconfortáveis (WILLIAMS, 2012), tal como é feito no grupo de foco tradicional.

Um segundo aspecto é a consideração do local em que grupo de foco *on-line* será hospedado. Por exemplo, um estudo, que utilizou fóruns públicos para a realização do grupo de foco *on-line* com pessoas que se automutilaram, teve a interferência de não-participantes com comentários hostis (WILLIAMS, 2012). Com isso, percebemos a importância de um ambiente *on-line* fechado para a discussão, no qual apenas os participantes com *login* e senha possam acessar.

Por fim, a estrutura da página e o conteúdo das discussões podem ser facilmente transpostas por meio do recurso de “copiar” e “colar”, algo que pode representar um fator de risco especialmente para pesquisas em temas sensíveis. Imagino que uma alternativa simples que pode minimizar esse fator é desenvolver ambientes sob encomenda que impeçam o recurso “ctrl C”.

A natureza escrita da comunicação

A natureza da comunicação em grupos de foco *on-line* pode ser diferenciada para os grupos síncronos e assíncronos.

Quando se trata de grupos de foco *on-line* síncronos, estes podem abordar tanto uma comunicação escrita, como uma comunicação oral (contudo, não foi encontrado nenhum estudo que tenha adotado a comunicação por voz em grupos síncronos). Por outro lado, os

grupos assíncronos utilizam usualmente a comunicação escrita. Por esse motivo, neste tópico vou destacar apenas a natureza da comunicação escrita das discussões.

Ao utilizar a comunicação escrita, a sincronicidade pode tornar a discussão acalorada e rápida, dificultando as interações (GRAFFIGNA; BOSIO, 2006). Com isso, este delineamento pode não ser adequado para públicos com menos habilidades no teclado ou menos familiarizados com este tipo de ambiente *on-line*. Além disso, a velocidade de interação também pode prejudicar o nível de profundidade das respostas dos participantes (GRAFFIGNA; BOSIO, 2006).

Por sua vez, a pesquisa assíncrona remove pressões de tempo para responder uma pergunta. Essa maior liberdade temporal pode permitir respostas mais cuidadosamente elaboradas (MANN; STEWART, 2000). No entanto, a assincronia também pode afetar a impulsividade das respostas (ORINGDERFF, 2004), e nesse ponto os pesquisadores precisam ponderar o quão importante é a espontaneidade do participante para sua pesquisa antes de escolher o método assíncrono. Similarmente, o pesquisador também tem mais tempo para refletir melhor sobre as respostas dos participantes, antes de fazer a próxima pergunta. Isto pode reduzir erros de interpretação dos relatos dos participantes e tornar a coleta ainda mais rica e robusta (WILLIAMS, 2012). Contudo, uma desvantagem da natureza assíncrona é que ela pode resultar em uma menor interação entre os participantes (GRAFFIGNA; BOSIO, 2006), prejudicando a formação de novos questionamentos.

Outra limitação significativa nos métodos *on-line* diz respeito à ausência da linguagem corporal e de vários sinais não-verbais que podem prejudicar uma análise mais aprofundada das emoções dos participantes (WILLIAMS, 2012). Por esse motivo, os pesquisadores precisam contar com meios alternativos para avaliar as emoções dos participantes, tanto para entender melhor suas experiências, como para identificar algum desconforto com relação à pesquisa.

Enquanto que o silêncio pode ser um importante indicador em discussões presenciais, na discussão *on-line* o pesquisador pode ficar da dúvida sobre o motivo do silêncio, que pode representar diversos fatores: (i) o participante está desconfortável com a pesquisa, (ii) o participante perdeu a pergunta, (iii) o participante está mais envolvido em outra questão do fórum, ou mesmo, (iv) o participante não tem uma resposta para a pergunta. Para melhorar isso, os pesquisadores podem usar mensagens direcionadas apenas a um participante para avaliar o motivo do silêncio e sua vontade de continuar no processo de pesquisa (BOUCHARD, 2016).

Além disso, os participantes podem compensar a falta de sinais não-verbais, garantindo que as suas descrições retratem o maior nível possível de significado que eles desejam transmitir. Pode-se argumentar, ainda, que essa expressão escrita explícita da emoção é mais facilmente interpretada e incorporada em análises do que as nuances emocionais implícitas oferecidas pela linguagem corporal e outros aspectos não verbais das discussões presenciais (WILLIAMS, 2012).

Nesse sentido, existem convenções *on-line* que permitem injetar um senso de emoção em sua escrita. Estes incluem o uso de letras maiúsculas (por exemplo, “EU ESTOU GRITANDO”), sinais de pontuação (por exemplo, “!!!!”), *emoticons* (por exemplo, “😍” para “apaixonado”) e acrônimos populares (por exemplo, “LOL” que significa “rindo em voz alta”) (STEWART; WILLIAMS, 2005). Além disso, não podemos deixar de mencionar as representações próprias da comunicação *on-line* escrita, que é usualmente mais informal, com o uso de abreviaturas (por exemplo, “td bem c vc?”, que significa “tudo bem com você?”) e grafias fonéticas (por exemplo, “aki” para dizer “aqui”), mas que ao mesmo tempo também permitem recursos mais formais, como a capacidade de editar as mensagens.

Outro aspecto relevante é o aumento das tecnologias que utilizam a comunicação escrita (como Whatsapp, Telegram, Skype, Facebook, *e-mails*), algo que pode significar que

muitas pessoas preferem esse método para se comunicarem. Também é preciso destacar que a linguagem escrita pode ser preferível por aqueles que acham difícil se expressar verbalmente, como aqueles que têm dificuldades de fala ou de audição, ou aqueles que têm deficiências cognitivas (WILLIAMS, 2012). Por outro, é claro que também existem pessoas que não tem proficiência na comunicação escrita e se sentem mais confortáveis utilizando a comunicação verbal (WILLIAMS, 2012). Desta forma, assim como qualquer outra decisão de pesquisa, nós precisamos analisar estas preferências do público que vamos abordar e considerá-las ao delinear os métodos que vamos utilizar.

Implicações práticas

Embora, o uso do ambiente *on-line* traga as facilidades já discutidas, destacam-se também algumas questões práticas que precisam ser analisadas “com carinho”. Algumas dessas questões são: Como se recrutam e se selecionam os indivíduos que participaram do grupo de foco, especialmente quando houver uma abordagem “anônima”? Ainda se pode oferecer incentivos para os participantes? Qual a quantidade ideal de pessoas na discussão? Quanto tempo pode perdurar um grupo de foco assíncrono?

Para alguns destes questionamentos, foram encontrados alguns relatos, para outros não. Por exemplo, para o recrutamento, são abordadas tanto práticas *on-line* como “*off-line*”. A prática *on-line* consistiria de o pesquisador anunciar sua pesquisa em sites especializados, redes sociais e *e-mail marketing*. Contudo, em uma pesquisa que buscou explorar como as pessoas que estão em “grupos de risco” de HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) se previnem, os autores tiveram retorno de apenas um candidato (BOYDELL *et al.*, 2014). Qual o motivo da aceitação ser tão pequena? Acredita-se que é necessário que se façam mais pesquisas focadas em recrutamento *on-line*, pois muitas pessoas simplesmente não focam nos anúncios *on-line*, ou mesmo, até “fogem” deles. O motivo para esse comportamento particular é a desconfiança em *sites* e/ou anúncios desconhecidos, fazendo com que se tenha receio de ter a máquina infectada por algum vírus. Pode ser que essa explicação seja plausível, mas com certeza existem outros motivos para o baixo retorno, especialmente por se tratar de um tema tão sensível e que ainda hoje sofre preconceito como o HIV.

Em outro exemplo, foi encontrada uma prática de recrutamento *off-line*. O objetivo era entender particularidades psicológicas de um grupo de pacientes pediátricos com câncer. O método era justamente o assíncrono e envolvia crianças e adolescentes entre 8 e 17 anos e, também, alguns familiares dessas crianças. No recrutamento os pesquisadores solicitaram o auxílio de profissionais de saúde para que divulgassem o estudo. O resultado foi positivo e a pesquisa pôde ser realizada (TATES *et al.*, 2009). Neste caso, a credibilidade dos participantes no estudo pôde ser aumentada em relação aos anúncios *on-line*, uma vez que o profissional de saúde passa uma maior confiança sobre a procedência e seriedade do estudo. Acredita-se que isso tenha sido fator primordial para o sucesso da pesquisa. Talvez uma possibilidade de futura pesquisa seja efetivar um recrutamento pelos dois métodos (*on-line* e *off-line*) além de incutir na discussão do grupo de foco questões sobre o próprio recrutamento.

Para as demais perguntas feitas no início deste tópico, foram encontrados breves relatos que ainda carecem de mais avaliação crítica.

Não foram encontrados estudos a respeito de incentivos para os participantes. Embora os autores ainda não tenha experimentado o método, imagina-se que os incentivos possam, em parte, prejudicar a pesquisa, uma vez que se acredita que eles poderiam acentuar o problema da falsificação de identidade, especialmente em uma pesquisa de formato anônimo.

Quanto à quantidade de pessoas na discussão, geralmente, existe o potencial de usar amostras maiores do que nos estudos face-a-face (STEWART; WILLIAMS, 2005), algo que pode permitir que os pesquisadores tenham acesso a uma gama maior de experiências.

Acredita-se isso seja justificado pelas facilidades já discutidas. Contudo, acredita-se que uma amostra maior também pode acentuar uma das principais desvantagens do método *on-line* que é justamente a maior dificuldade de interação entre os participantes, seja pela rapidez em que simultâneas mensagens aparecem, seja quantidade de mensagens que podem “passar despercebidas”.

Por fim, quanto ao tempo que a discussão pode durar um grupo de foco assíncrono, Williams (2012) identificou estudos de grupos focais *on-line* assíncronos que variam de um a quatro semanas. Williams (2012) também relata que a concepção de estudos assíncronos em grupos focais *on-line* pode ser dependente da natureza sensível do tema. Por exemplo, um estudo que irá explorar questões sensíveis sobre as experiências de um câncer provavelmente terá um grupo menor para garantir um ambiente mais confortável. Tal estudo também pode durar mais tempo para dar aos participantes mais oportunidade de construir relacionamento e se familiarizar com os temas antes de postar suas respostas. Portanto, ao desenvolver um estudo de grupo de foco *on-line*, os pesquisadores devem permanecer pragmáticos sobre o seu projeto de pesquisa.

Considerações finais

Antes de iniciar estudos mais aprofundados sobre o método *on-line*, acreditava-se ingenuamente que as principais vantagens estavam relacionadas com as facilidades promovidas pela internet. Porém, conforme relato, descobriu-se que existem muitos casos nos quais o método *on-line* pode ser preferível e mais adequado para as questões de pesquisa. Assim, além de viabilizar diversos estudos, o método também pode agregar mais valor em termos de robustez das informações coletas.

Ainda assim, como qualquer outro método de pesquisa, acredita-se que utilizar apenas o grupo de foco *on-line* pode não ser suficiente para uma boa análise exploratória. Prova disso é dada por um estudo que comparou dados coletados em (i) grupos de foco presenciais, (ii) grupos de foco *on-line* síncronos, (iii) grupos de foco *on-line* assíncronos, e (iv) uma combinação de grupos de foco *on-line* síncronos e assíncronos. Notavelmente, onde uma combinação de discussão síncrona e assíncrona foi empregada, os participantes eram mais cooperativos e eram menos propensos ao “monólogo” gerando dados mais valiosos para a pesquisa (BOYDELL *et al.*, 2014). Concorde-se com Boydell *et al.* (2014) ao afirmar que ao mesclar o método síncrono e assíncrono é possível que os participantes desenvolvam uma melhor relação, tornando o ambiente ainda mais desinibido e, assim, maximizando a riqueza dos dados coletados e fomentando tanto a interação imediata quanto as respostas mais “pensadas” e detalhadas.

Desta forma, a justificativa para utilizar métodos *on-line* assíncronos precisa transcender os aspectos práticos e precisa estar em coerência com a pergunta problema do pesquisador, sendo selecionados apenas por causa de sua adequação em contribuir para a compreensão de um determinado fenômeno. Devem ser considerados aspectos como: (i) a familiaridade e conforto dos participantes com a comunicação *on-line* e digitada, e o (ii) acesso dos participantes à Internet. Caso contrário, existe o perigo de que o fenômeno a ser investigado poder ser ofuscado pelo método *on-line*.

Além disso, concorda-se também com a afirmação de Graffigna e Bosio (2006) que a pesquisa qualitativa *on-line* deve ser considerada como uma ferramenta nova, diferente e complementar na caixa de ferramentas de um pesquisador qualitativo e não apenas uma adequação ou variação da prática face-a-face (BOUCHARD, 2016).

Com isso, em resumo do que já foi destacado, a pesquisa *on-line* tem o potencial para aproveitar as experiências de grupos que normalmente não queiram ou não poderiam participar em estudos face-a-face. Embora a natureza anônima e assíncrona por escrito possa

facilitar a tomada de temas sensíveis que geralmente são debatidos nas áreas de saúde e psicologia, ela também pode ser aplicada para melhor entender o comportamento de consumo de pessoas que se sintam marginalizadas (como homossexuais, por exemplo) ou mesmo de pessoas muito distantes geograficamente.

Por fim, espera-se que outros pesquisadores possam se beneficiar destas reflexões metodológicas sobre o método de grupo de foco *on-line* para coleta de dados qualitativos, assim como eu mesma certamente me beneficiarei no futuro próximo.

REFERÊNCIAS

BOUCHARD, K. L. Anonymity as a Double-Edge Sword: Reflecting on the Implications of Online Qualitative Research in Studying Sensitive Topics. *The Qualitative Report*, Fort Lauderdale, v. 21, n. 1, p. 57-66, 2016.

BOYDELL, N.; FERGIE, G., MCDAID, L.; HILTON., S. Avoiding Pitfalls and Realising Opportunities: Reflecting on Issues of Sampling and Recruitment for Online Focus Groups, *International Journal of Qualitative Methods*, Alberta, v. 14, n. 1, p. 206-223, 2014.

GRAFFIGNA, G., BOSIO, A. C. The influence of setting on findings produced in qualitative health research: A comparison between face-to-face and online discussion groups about HIV/AIDS. *International Journal of Qualitative Methods*, Alberta, v. 5, n. 3, p. 55–76, 2016.

HAMILTON, R. J.; BOWERS, B. J. Internet recruitment and e-mail interviews in qualitative studies. *Qualitative Health Research*, v. 16, n. 6, p. 821-35, 2006.

MANN, C.; STEWART, F. *Internet communication in qualitative research: A handbook for researching online*. London: Sage, 2000.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*: 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

ORINGDERFF, J. My way: Piloting an online focus group. *International Journal of Qualitative Methods*, Alberta, v. 3, n. 3, p. 69–75, 2004.

STEWART, K.; WILLIAMS, M. Researching online populations: The use of online focus groups for social research. *Qualitative Research*, v. 5, n. 4, p. 395–416, 2005.

TATES, K.; ZWAANSWIJK, M.; OTTEN, R.; van DULMEN, S.; HOOGERBRUGGE, P.; KAMPS, W.; BENSING, J. M. Online focus groups as a tool to collect data in hard-to-include populations: Examples from paediatric oncology. *BMC Medical Research Methodology*, v. 9, n. 15, p. 1-8, 2009.

WILLIAMS, S.; CLAUSEN, M. G.; ROBERTSON, A.; PEACOCK, S.; McPHERSON, K. Methodological Reflections on the Use of Asynchronous Online Focus Groups in Health Research. *International Journal of Qualitative Methods*, Alberta, v. 11, n. 4, p. 368-381, 2012.